

A formação em Museologia na Universidade Federal de Goiás: trajetória, desafios e devires

The Museological formation at the Federal University of Goiás: trajectory, challenges and becomings

Camila Azevedo Moraes Wichers*

Resumo: Esse artigo apresenta aspectos da trajetória do Bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Goiás (UFG), inserido na Faculdade de Ciências Sociais da UFG. Concebido a partir da compreensão da Museologia como Ciência Social Aplicada e da base epistemológica organizada em Museologia Geral, Museologia Especial e Museologia Aplicada, o curso foi o segundo a ser criado na região Centro-Oeste e teve em 2010 sua primeira turma. Nesse texto, os antecedentes do curso são retomados, em especial, a imbricada relação com o Museu Antropológico da UFG, bem como são trazidas reflexões em torno da proposta original, matriz curricular e aportes bibliográficos indicados no Projeto Político Pedagógico do Curso. Ao longo dos anos, o bacharelado tem se deparado com desafios específicos no que concerne à permanência estudantil e ao campo profissional de atuação da/o museóloga/o. Não obstante, alguns avanços foram observados, como o incremento da pesquisa museológica em instituições goianas, conforme evidenciado nas monografias concluídas entre 2013 e 2021. Das pesquisas das/os discentes e das potencialidades de uma formação encravada em um “Sertão Imaginado”, onde pulsam demandas por políticas da memória a favor da justiça social, emergem novos devires para a formação em Museologia no estado de Goiás.

Palavras-chave: Formação em Museologia. Universidade Federal de Goiás. Novas tendências em Museologia.

Abstract: This article presents aspects of the trajectory of the Graduate in Museology at the Federal University of Goiás (UFG), inserted in the Faculty of Social Sciences at UFG. Conceived from the understanding of Museology as Applied Social Science and the epistemological basis organized into General Museology, Special Museology and Applied Museology, the course was the second created in the Central Brazil region and had its first class in 2010. In this text, the background of the course is resumed, the intertwined relationship with the Anthropological Museum of UFG, as well as reflections around the original proposal, curricular matrix and contributions bibliographic references indicated in the Political Pedagogical Project of the Course. Over the years, the graduate course has faced specific challenges regarding student permanence and the museologist's professional field of work. Nevertheless, some advances were also observed, such as the increase in museological research in institutions in Goiás, as evidenced in the monographs completed between 2013 and 2021. From the research of students and from potentialities of a training embedded in an “Imagined Sertão”, where demands for memory policies in favor of social justice pulse, new developments emerge for training in Museology in the state of Goiás.

Key-words: Museological Formation. Federal University of Goiás. New trends in Museology.

* Mestre e doutora em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo e doutora em Museologia pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias de Lisboa. Docente do Bacharelado em Museologia e do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás (FCS/UFG). Pesquisadora associada do Museu Antropológico da UFG e da Rede de Ocupações e Parcerias Acadêmicas (ROPA). camilawichers@gmail.com

Introdução

É preciso lembrar que a utopia, longe de ser uma visão fantástica de um cérebro doentio, sonho longínquo desligado das realidades mais chãs e das raízes da Vida, é pelo contrário, uma manifestação de uma racionalidade humana em que o chamado 'sonho' é apenas a fase que precede o planejamento (RÚSSIO, 1977, p.159)

Escolho iniciar essa reflexão com esse trecho do pensamento da museóloga Waldisa Rússio Guarnieri, que nos ensina que a utopia pode guiar nossos passos em direção a uma 'Museologia Sonhada'. Para a autora, a utopia é um convite à ação transformadora, à intervenção museológica. Em tempos difíceis como os nossos, quando muito do que foi construído pelas/os que nos antecederam parece ruir frente ao modelo neoliberal e ao pensamento conservador, quando milhares de vidas são ceifadas pela pandemia da COVID-19 e a Museologia, em especial, se vê atingida em seu movimento de fortalecimento institucional, acadêmico e político, as utopias nos fazem continuar, resilientes e resistentes.

A trajetória de Waldisa demonstra sua fé na coisa pública, nas políticas culturais, na construção de projetos e ações e no investimento na formação, tudo isso sempre integrado a sua refinada elaboração teórica, inspirando também o meu percurso como professora de Museologia, atuando há quase nove anos no Bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Goiás (UFG). A trajetória desse curso será o fio desse texto, certamente uma escrita situada, marcada pelas minhas subjetividades.

A primeira parte do artigo sintetiza alguns antecedentes do curso, destacando-se a relação com o Museu Antropológico da UFG, instituição com mais de meio século e que se consolidou como espaço de pesquisa, preservação e socialização de coleções e narrativas da memória no Brasil Central. Em seguida, são trazidos dados acerca do nascimento do curso de Museologia, passando depois à organização epistemológica do bacharelado estabelecido em 2010, bem como um estudo bibliométrico inicial com base nas referências básicas presentes nas disciplinas obrigatórias indicadas no Projeto Político Pedagógico. Alguns desafios da permanência estudantil são apresentados, sucedidos por redes e interlocuções que promovem ações de fortalecimento do curso. Por fim, apresento uma análise das 78 monografias finalizadas ao longo desses 12 anos, demonstrando as temáticas mais recorrentes. As considerações finais integram alguns dados apresentados, com o

intuito de demonstrar desafios, tendências e devires da formação em Museologia na Universidade Federal de Goiás.

1. Antecedentes

A formação em Museologia na UFG nasce de um processo mais longo, protagonizado por professores do então Departamento de Antropologia e Sociologia do antigo Instituto de Ciências Humanas e Letras da UFG, que propuseram e colocaram em funcionamento o Museu Antropológico da UFG (CARVALHO; MORAES WICHERS, 2020). Fundado em 1969 e inaugurado em 1970, o museu teve suas primeiras coleções formadas por objetos indígenas reunidos por Acary de Passos Oliveira, que passou a integrar o grupo fundador do Museu, tornando-se o seu primeiro diretor – cargo oficializado em 1978 (MA, 2022).

Esse museu foi criado em um contexto sociopolítico específico, marcado por uma rede discursiva que destacava um suposto vazio do Brasil Central, que serviu como propósito para a Marcha para o Oeste (MORAES WICHERS, 2020). Advogado e militar de formação, Acary teve seu primeiro contato com os indígenas no final da década de 1930, quando coordenou a construção de uma pista de pouso na Ilha do Bananal, território *Iny*, para a visita de Getúlio Vargas. Desde então, foram cinco décadas de contatos com diferentes etnias, tendo participado, inclusive, da expedição Roncador-Xingu. Esse envolvimento com povos indígenas inseridos em territórios alvo da marcha colonizatória em curso, possibilitou que Acary reunisse objetos, angariando uma coleção que esteve no centro das atenções que fizeram a UFG convidá-lo a integrar o museu nascente (CARVALHO, 2022). Acary ocupava um lugar pleno de contradições, onde o estudo das populações indígenas visava capturar costumes e objetos de uma realidade prestes a desaparecer. Era, pois, urgente, ‘salvar o que seria perdido’. A criação do MA-UFG esteve, portanto, imbricada a esse lugar controverso no âmbito de uma geoestratégia cujo intuito era levar o ‘progresso’ aos recônditos do país.

Em sua primeira década, o museu teceu relações com importantes instituições de pesquisa no país e reuniu coleções significativas, ainda que sem uma abordagem propriamente museológica, o que seria mudado com a gestão de Edna Luísa de Melo Taveira, que viria assumir a direção do museu em 1982. O percurso dessa pesquisadora é especialmente relevante para compreendermos o fortalecimento da Museologia em Goiás, merecendo mais estudos. Em 1970, ela teve um projeto

encaminhado e aprovado para uma formação em Museologia no Rio de Janeiro, que envolveu estágios no Museu Nacional e no Museu do Índio e aulas no curso de Museologia, que era “a raiz do curso de Museologia hoje, da Universidade do Rio de Janeiro”, conforme entrevista dada por Edna em 2010 (TAVEIRA, 2011, p. 50). Na mesma entrevista ela destaca o contato com Fernanda Camargo Almeida Moro e com Maria de Lourdes Parreiras Horta. Edna também fez estágios em São Paulo, destacando a contribuição de Waldisa Rússio Guarnieri em sua formação. A respeito desse contato, Edna afirmou:

Ela era museóloga e então me orientou, como ela orientava seus alunos, dava curso de Museologia. Também me ajudou muito quanto à natureza do Museu, quer dizer na orientação para os caminhos que eu deveria andar, em termos da museologia universitária e da antropológica (TAVEIRA, 2011, p. 51)

O diálogo com a Museologia, enquanto ciência e campo de formação, também se deu pela articulação com o museólogo Aécio de Oliveira, da Fundação Joaquim Nabuco, que ofereceu em 1983 o curso “Treinamento Museológico” no MA-UFG, além de outras colaborações (MARTINS; TAVEIRA, 2017). Ao longo de sua gestão, Edna imprimiu um olhar museológico ao museu, iniciando os procedimentos de documentação sistemática do acervo, ampliando suas pesquisas e parcerias, bem como ações de comunicação museológica.

Em 1992, a realização do I Encontro Nacional de Museus Universitários, em Goiânia, firmou o papel do MA-UFG no panorama nacional de discussões museológicas, sobretudo, no que concerne ao papel dos museus universitários. O seminário, intitulado “Museu Universitário Hoje” foi um espaço de reflexão sobre “desenvolvimento latino-americano e ação museológica, educação e comunicação em museus, pesquisa nos museus e administração nos museus”, (COMISSÃO ORGANIZADORA, 1992 *Apud* SOARES, 2020, p. 145). A comissão teve como coordenadora geral Regina Márcia Moura Tavares, do Museu Universitário da Pontifícia Universidade Católica de Campinas - PUCCamp, e Edna como coordenadora local. Cabe lembrar que o evento ocorreu alguns meses depois do Seminário “A missão dos museus na América Latina hoje: novos desafios”, em Caracas, o que aponta para um cenário profícuo de debate entre as instituições do Brasil e da América Latina, no qual Goiás já se inseria de forma relevante.

Nas décadas de 1980 e 1990 o MA-UFG organizou diferentes cursos de Antropologia, Arqueologia, Etnologia e Etnolinguística, colocando-se como espaço

formativo. Entre 2000 e 2001, o museu oportunizou um curso de especialização em Museologia que resultou na formação de 18 especialistas, inclusive de profissionais que atuam em museus no interior do Estado de Goiás. O corpo docente do curso foi composto de professores da UFG e de professores de Museologia de outras universidades brasileiras (UFG, 2011, p. 8)

Essa experiência é indicada na exposição dos motivos para a criação do Bacharelado em Museologia da UFG, no primeiro Projeto Político Pedagógico do Curso (UFG, 2011), tendo em vista a demanda pela formação em Museologia na região.

A gestão de Edna Taveira no MA-UFG foi finalizada em 1997 – sendo que no ano de 1994 a direção foi ocupada por Judite Ivanir Breda; o etnólogo Marco Antônio Lazarin atuou como diretor entre 1998-2001; a arqueóloga Dilamar Cândida Martins foi diretora em duas gestões, entre 2002 e 2005 e 2014-2017; a antropóloga Nei Clara de Lima também atuou como gestora em dois períodos, entre os anos de 2006-2013 (MA, 2022). Atualmente, o antropólogo Manuel Ferreira Lima Filho está em sua segunda gestão como diretor do museu, tendo assumido em 2018. Importa salientar que todas as pessoas que ocuparam a direção foram professoras/es ou ex-professoras/es da Faculdade de Ciências Sociais da UFG, com um destaque para antropólogas/os, não tendo sido ocupada ainda por museóloga ou docente do curso de Museologia.

Na trajetória do MA-UFG destacam-se as ações de aprimoramento das reservas técnicas e laboratórios, por meio de financiamentos de órgãos fomentadores, como Fundação Vitae e IPHAN (UFG, 2011). A atuação no licenciamento de empreendimentos no escopo dos estudos arqueológicos marcou também essa trajetória, sobretudo, entre as décadas de 1990 e 2000, com a criação do Laboratório de Arqueologia (LabArq) em 1995.

Em 2006, o MA-UFG inaugurou a exposição de longa duração “Lavras e Louvores”, que permanece na instituição até o presente. O discurso expositivo parte do argumento desenvolvido por Custódia Selma Sena – curadora da exposição juntamente com Nei Clara de Lima, do “Sertão como realidade imaginada”, fundada na oposição entre civilização e barbárie, dualidade que tem sido constantemente desdobrada em outros binarismos, como civilizado/primitivo e moderno/tradicional (SENA, 2007). Essa exposição é um importante espaço de formação para as/os discentes da Museologia UFG, muitas vezes o primeiro contato das/os estudantes com um museu. Como professora que leciona no primeiro período, tenho acompanhado o

fato de que o corpo discente teve raros ou nenhum contato com museus ao adentrar no curso. Ao mesmo tempo que um determinado imaginário sobre Goiás e o Brasil Central é questionado em “Lavras e Louvores”, as/os discentes também têm analisado a exposição em suas pesquisas, tecendo reflexões críticas que podem fomentar as ações do museu.

Também em 2006, foi realizado o II Fórum de Museus Universitários Brasileiros, em Belo Horizonte, no qual foi apresentado o documento Diagnóstico dos Museus Universitários da Região Centro-Oeste, com participação do MA-UFG, demonstrando a inserção da universidade no debate museológico nacional (UFG, 2011)

Dessa forma, ao longo desses 50 anos, o MA-UFG desenvolveu projetos de pesquisa, ensino e extensão ligados aos povos indígenas e a outros grupos regionais. Atualmente, o museu é um órgão suplementar da UFG, colocando-se como espaço de pesquisa interdisciplinar no campo da Antropologia, Arqueologia e Museologia, dentre outras áreas afins, que agrega a ação de pesquisadoras/es do seu próprio quadro e de distintas unidades de ensino da UFG (MA, 2022). É nesse espaço que nasceu o desejo de criação de um bacharelado em Museologia na UFG.

2. Nasce o curso

Os anseios de constituição de um curso de Museologia em Goiás encontraram no Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) o suporte necessário, como evidenciado em outras universidades do país, que criaram graduações em Museologia graças ao REUNI. De duas graduações instaladas em universidades públicas federais, na Universidade Federal da Bahia (UFBA) e na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), passamos, a partir de 2006, a um panorama de 13 cursos de graduação em instituições públicas federais, sendo cerca de uma dezena de cursos associados ao referido programa (Figura 1).



Figura 1 - Cursos de graduação em Museologia. Fonte: dados organizados pela autora. Mapa elaborado por Michiel Wichers.

À época das primeiras reflexões acerca da criação do curso, não existiam graduações em Museologia nas regiões Centro-Oeste e Norte do país. Em 2008, foi criado o curso de Museologia na Universidade de Brasília (UnB), com oferta da primeira turma em 2009. A UFG concedeu autorização para o funcionamento do Bacharelado em Museologia em maio de 2009. Dentre os argumentos a favor da criação do curso, destacam-se:

Em médio prazo, e internamente à Universidade, o curso de Museologia virá contribuir, sobretudo para tornar o Museu Antropológico cada vez mais apto a realizar sua missão de ser uma referência no campo museológico do Centro-Oeste. Além disso, ele fornecerá quadros especializados para atuarem nos espaços com vocação museológica da própria UFG, como o Planetário, a Galeria da Faculdade de Artes Visuais, o Herbário, o Centro de Informação e Documentação Arquivística, o Museu de Morfologia do ICB, o Centro Cultural da UFG, entre outros, de modo a possibilitar o exercício dessa vocação de forma cada vez mais profissional e competente (UFG, 2011, p. 11, grifo meu)

A primeira turma do curso de Bacharelado em Museologia da UFG foi aberta em 2010, com uma oferta de 50 vagas, com turno de funcionamento “preferencialmente noturno” (UFG, 2011). O processo de construção do seu PPC

antecede essa data, tendo envolvido primeiramente uma comissão formada por Nei Clara de Lima (então diretora do MA-UFG), Maria Luiza Rodrigues Souza e Marco Antônio Lazarin. No ano de 2009 foi realizado concurso público para provimento da primeira vaga do corpo docente, que resultou na inserção da professora Manuelina Maria Duarte Cândido, que passou a compor a comissão responsável pela criação e implantação do curso (LIMA; SOUZA; LAZARIN; DUARTE CÂNDIDO, 2009).

Outrossim, a proposta de criação do curso de Bacharelado em Museologia partiu da interação entre a Faculdade de Ciências Sociais (FCS/UFG) e o MA-UFG, sendo academicamente vinculado à primeira. Por seu turno, o MA-UFG foi compreendido como espaço das disciplinas com carga prática, por meio do uso de seus laboratórios, acervos e recursos didáticos. Atualmente, o quadro docente do curso é composto por nove professoras/es efetivas/os, tendo sido realizados concursos entre 2009 e 2013, bem como duas docentes substitutas¹.

3. Conformações curriculares e epistemológicas

De acordo com o PPC do curso de Museologia da UFG, o Bacharel em Museologia deverá ser capaz de relacionar teoria e prática. Essa assertiva marca o documento de forma significativa, salientando que a “formação técnica em Museologia localiza-se no campo da Museologia Aplicada: salvaguarda, comunicação, planejamento e avaliação contempladas” (UFG, 2011, p.13).

Francisca Hernández Hernández (2006) indica que organização epistemológica do campo em Museologia Geral, Museologia Aplicada e Museologia Especial, seria defendida por autores como Vinos Sofka e Geoffrey Lewis, dentre outros. Essa organização é o eixo da proposta curricular do bacharelado em Museologia da UFG, centrando a oferta de disciplinas na Museologia Geral e na Aplicada (UFG, 2011, p.19).

¹ Meu ingresso no curso se deu no último concurso com vagas do REUNI para esse quadro, realizado em 2013, após essa data alguns processos de redistribuição resultaram na entrada de outros docentes. Atualmente, o corpo docente efetivo do curso é composto também por (em ordem alfabética): Glauber Guedes Ferreira de Lima; Ivanilda Aparecida Andrade Junqueira; Manuelina Maria Duarte Cândido (licenciada desde 2019, docente da Universidade de Liège); Michel Platini Fernandes da Silva, que retornou ao curso no ano de 2022, em processo de redistribuição com Jean Baptista, que atuou no curso entre 2013-2022; Pablo Fabião Lisboa; Rildo Bento de Souza; Vânia Dolores Estevam de Oliveira; e Vera Regina Barbuy Wilhelm. Ana Karina Calmon de Oliveira Rocha atuou no curso entre 2010-2013. Os concursos foram realizados com vagas para áreas afins, resultando atualmente em quatro docentes com formação em Museologia, sendo apenas uma graduada. O quadro de docentes substitutas/os, que atuam em caso de licenças para doutorado, pós-doutorado, licença por interesse particular e afastamentos por licença saúde, tem enriquecido significativamente as experiências de ensino-aprendizagem. Atuaram no curso as/os seguintes docentes: Tony Boita, Gleyce Kelly Maciel Heitor, Luciana Christina Cruz e Souza, Darlen Priscila Santana Rodrigues e Ingrid Orlandi Meira. Atualmente, as museólogas Karlla Kamylla Passos dos Santos e Barbara Yanara da Silva, egressas da Museologia UFG, são docentes do curso.

A Museologia Geral integra a Teoria Museológica, a História dos Museus e a Gestão de museus, envolvendo o conjunto de princípios que se articulam na teoria museológica, enfatizando a análise dos distintos processos de musealização, as questões estruturais, regimentais e o exercício profissional (BRUNO, 1996). A matriz da Museologia-UFG possui disciplinas obrigatórias devotadas à Museologia Geral, como, por exemplo, “Introdução à Museologia”, “Museologia I”, “Museologia II”, “Museologia III”, “História dos Museus” e “Legislação Patrimonial e Ética”.

Por sua vez, no que se refere à Museologia Aplicada...

há uma carga igualmente distribuída entre Salvaguarda (Conservação / Documentação) e Comunicação Patrimoniais (Expografia / Ação Educativo-Cultural) e que também contempla o Planejamento e a Avaliação dos museus ou processos de musealização. Estas disciplinas são a espinha dorsal da proposta curricular (UFG, 2011, p.19, grifo meu)

Disciplinas obrigatórias como “Comunicação Patrimonial I - Ação educativo-cultural”; “Comunicação Patrimonial II – Expografia”; “Comunicação Patrimonial III - Práticas de educação não-formal aplicadas a museus”; “Comunicação Patrimonial IV - Projeto e montagem de exposição”; “Salvaguarda Patrimonial I - Documentação museológica”; “Salvaguarda Patrimonial II - Conservação preventiva e segurança”; “Salvaguarda Patrimonial III - Registro e sistemas de gerenciamento da informação aplicados a museus e patrimônio”; “Salvaguarda Patrimonial IV - Práticas laboratoriais de conservação preventiva” e “Estudos de Público e Avaliação” possuem uma carga prática de 16 horas a 48 horas (de um total de 64 horas), a depender da disciplina. As atividades práticas ocorrem no MA-UFG, embora outros espaços museais possam ser utilizados.

Waldisa Rússio (1983) enfatizava o papel da Museologia Especial, que ela tratava no plural, em atuar em distintos textos museológicos (tipologias de museus), segundo o ramo das atividades, métodos, espaços, perspectivas e prospectivas, relacionando Museologia Geral com o fato museal em seus contextos institucional, “Cenário” e políticas culturais. De acordo com o PPC da Museologia-UFG

A Museologia Especial, referente a diferentes textos (tipologias) e contextos (realidades sociais) museológicos, será experimentada nas visitas técnicas e estudos de caso realizados ao longo de todo o curso, aprofundados nas escolhas individuais do aluno: estágios, disciplinas de Núcleo Livre e pesquisa para o Trabalho de Conclusão de Curso (UFG, 2011, p. 19).

Os estágios obrigatórios I e II, devotados a essa aplicação em contextos diversos, comportam 64 horas cada. Uma disciplina optativa, denominada “Texto e Contexto Museológico – Visitas técnicas e diagnósticos”, oportuniza a realização de visita em museus de outras partes do país, com o fornecimento de transporte para discentes. Destacam-se também disciplinas de história do patrimônio mundial, do Brasil e de Goiás, assim como de história da arte e antropologia, de caráter obrigatório.

Em 2014 foram realizadas algumas alterações na matriz curricular do curso, basicamente relacionadas a quebra de pré-requisitos de diversas disciplinas (UFG, 2014), visando auxiliar à permanência e à conclusão do curso pelo corpo discente. Adiante retomaremos esse ponto, dado o desafio concernente à permanência das/os ingressas/os. Ademais, de 50 vagas o curso passou a oferecer 30 vagas, sendo o ingresso anual.

Atualmente, a grade curricular do curso é composta por 23 disciplinas obrigatórias do núcleo comum, totalizando 1472 horas (onde se inserem os estágios obrigatórios), 6 disciplinas obrigatórias do núcleo específico, totalizando 384 horas, 6 disciplinas optativas do núcleo específico, totalizando também 384 horas, 2 disciplinas optativas de núcleo livre, totalizando 128 horas e, por fim, 100 horas de atividades complementares (participação em cursos, eventos e outras ações extraclasse), resultando em um curso com carga horária total (CHT) de 2468 horas.

É apresentado na Figura 2 o fluxo curricular sugerido², com disciplinas obrigatórias do núcleo comum em cinza claro (ofertadas pelo corpo docente da Museologia), disciplinas obrigatórias do núcleo específico em preto (ofertadas por docentes de outros cursos e/ou unidades), e disciplinas optativas em branco. Essas últimas se dividem em núcleo específico, ofertadas por docentes do curso de Museologia e do núcleo livre, que podem ser realizadas em outros cursos e/ou unidades da UFG, conforme interesse das/os discentes.

Como sabemos o PPC de um curso é um documento que expressa escolhas teóricas e um contexto sócio-histórico específico, atravessados por saberes localizados que não são neutros (HARAWAY, 1995), ao contrário, expressam políticas do conhecimento que devem ser constantemente analisadas criticamente.

²A figura apresenta as disciplinas que têm sido ofertadas no curso, tendo algumas diferenças em relação ao fluxo indicado na última versão do PPC (UFG, 2014). Não obstante, são apenas distinções de disponibilização e ordem. Ademais, visando à apresentação didática, na elaboração da figura procedeu-se ao ordenamento de acordo com nomenclaturas e cores.

| 1º Período | 2º Período | 3º Período | 4º Período | 5º Período | 6º Período | 7º Período | 8º Período |
|-------------------------------|--|---|--|---|---|---|--------------------------------|
| Introdução à Museologia | Museologia I | Museologia II | Museologia III | Estudos de Público e Avaliação | Metodologia da Pesquisa Aplicada à Museologia | Seminários de Pesquisas em Museologia | Trabalho de Conclusão de Curso |
| História da Arte I | Salv guarda Patrimonial I - Documentação Museológica | Salv guarda Patrimonial II - Conservação Preventiva e Segurança | Salv guarda Patrimonial III - Registro e Sistemas de Gerenciamento da Informação Aplicados a Museus e Patrimônio | Salv guarda Patrimonial IV - Práticas Laboratoriais de Conservação Preventiva | Estágio Curricular I | Estágio Curricular II | Legislação Patrimonial e Ética |
| História dos Museus | Comunicação Patrimonial I - Ação Educativo-cultural | Comunicação Patrimonial II - Expografia | Comunicação Patrimonial III - Práticas de Educação Não-formal Aplicadas a Museus | Comunicação Patrimonial IV - Projeto e Montagem de Exposição | Gestão e Avaliação de Museus | Espaços Museais e Arquitetura de Museus | Optativa - Núcleo Específico |
| História e Patrimônio Mundial | História e Patrimônio do Brasil | Teorias do Objeto e Estudos de Cultura Material | História e Patrimônio de Goiás | Optativa - Núcleo Livre | Optativa - Núcleo Específico | Optativa - Núcleo Livre | |
| Introdução à Antropologia | Optativa - Núcleo Específico | Antropologia e Patrimônio | Optativa - Núcleo Específico | Optativa - Núcleo Específico | Optativa - Núcleo Específico | | |

Figura 2 - Sugestão de fluxo curricular do curso de Museologia da UFG. Fonte: Dados do PPC (UFG, 2014) organizados pela autora

Conforme demonstram Loredana Ribeiro, Bruno S. Ranzani da Silva, Sarah Schimidt e Lara Passos (2017), os projetos pedagógicos dos cursos de graduação são documentos que possibilitam reflexões sobre as condições estruturantes da ciência e de suas assimetrias. O trabalho aborda a produção intelectual e o ensino de Arqueologia no Brasil, com base na análise de periódicos e das referências de disciplinas obrigatórias em cursos de graduação em Arqueologia. Com base em teorias feministas, as autoras demonstram o não reconhecimento da produção de mulheres, sobretudo, brasileiras na Arqueologia Brasileira (RIBEIRO *et al.*, 2017). Inspirada no referido estudo trarei apontamentos iniciais sobre a configuração do PPC do curso de Museologia da UFG, cuja versão atual é a de 2014, mas que manteve as referências bibliográficas indicadas no PPC construído quando do início de funcionamento do curso³.

Na presente análise, os marcadores sociais da diferença são abordados sob o marco teórico da interseccionalidade (COLLINS; BILGE, 2020). Cabe indagarmos: quais autorias têm sido indicadas nos PPCs dos cursos de Museologia? O que essas escolhas revelam em termos de gênero, raça, classe, formação, geração e região, dentre outros marcadores sociais da diferença? O olhar interseccional visa

³ O PPC encontra-se em revisão pelo Núcleo Docente Estruturante do curso, do qual participo. As reflexões aqui trazidas têm sido debatidas e negociadas. Não obstante, importa o presente registro das teorias que informam o curso desde sua criação, há 12 anos.

compreender esse cenário de forma entrelaçada, o que tem revelado assimetrias no campo da Museologia⁴.

A listagem das autorias indicadas nas disciplinas obrigatórias na Museologia UFG, 23 do núcleo comum e 6 do núcleo específico, resultou no mapeamento de 64 pessoas como autorias principais dos textos, sendo 67% de homens e 33% de mulheres, revelando desigualdades no que concerne à inserção de autoras, ainda que o campo da Museologia tenha um percentual de mulheres citadas maior do que campos como a Arqueologia (RIBEIRO *et al.*, 2017). Dentre todas as autorias, apenas uma pessoa negra foi mapeada. Os marcadores de gênero e cor/raça foram analisados por meio do método da heteroidentificação, sendo utilizadas imagens das autorias encontradas na internet, quando disponíveis.

Em termos de número de textos de cada autoria, a distribuição revelou que uma autora teve cinco de suas produções citadas; duas autorias tiveram três; sete autorias apareceram com dois textos indicados. As demais 39 autorias foram citadas apenas com um texto, o que revela que não há uma concentração excessiva de textos da mesma pessoa.

Cabe analisarmos a nacionalidade das autorias, uma vez que esse dado contribui para a compreensão das geopolíticas do conhecimento. Dentre as 64 autorias, 41% são do Brasil, enquanto 59% são autorias estrangeiras. No que concerne a essas últimas, 51% advêm do continente Europeu (dentre os quais predominam autorias da Espanha, com 18 pessoas) e 8% são estadunidenses e canadenses (Figura 3). Digna de nota é a ausência de autorias da América Latina, revelando nosso distanciamento da Museologia pensada e praticada nos países que nos cercam.

⁴ Essas reflexões estão relacionadas ao projeto de pesquisa “Políticas da memória no Sertão imaginado: enredos da colonialidade, fissuras e contra narrativas” que coordeno desde 2021 na UFG. Destaco o início de um levantamento sistemático das autorias referenciadas em disciplinas obrigatórias de todos os cursos de Museologia ativos no Brasil, por meio da análise dos PPCs, estudo compartilhado com Karlla Kamylla Passos dos Santos e Giovanna Silveira Santos, ambas egressas da Museologia-UFG. O graduando Davi Paiva Danesi, do mesmo curso, se dedica, especificamente a aprofundar os dados do bacharelado da UFG. Por sua vez, Passos dos Santos tem desenvolvido reflexões feministas decoloniais no campo da ação museal, analisando as autorias indicadas em disciplinas de ação educativa nos cursos de graduação (PASSOS DOS SANTOS, 2022)

Cabe salientar que as duas autorias do estado de Goiás correspondem a historiadores do Estado, trabalhados em disciplinas do núcleo específico obrigatório.

Despontam como ausências as autoras Waldisa Rússio Camargo Guarnieri e Maria Célia Teixeira Moura Santos como leituras básicas de disciplinas obrigatórias, referências incontornáveis da teoria e prática museológica no país, a primeira considerada precursora do pensamento decolonial (RANGEL, 2020) e a segunda pioneira na proposição da museologia como processo educativo (PEREIRA, 2018). Autorias relacionadas ao curso de Museologia da UNIRIO também estão praticamente ausentes nos textos básicos de disciplinas obrigatórias, que primam, no caso da teoria museológica, por referências da Espanha.

Com relação à formação, foram analisadas as autorias brasileiras, dentre as quais apenas quatro pessoas citadas têm formação em Museologia, seja na graduação ou na pós-graduação. Esse cenário revela um distanciamento do conhecimento produzido por pessoas com formação específica na Museologia. Sabemos do caráter interdisciplinar da disciplina museológica, contudo, a afirmação de uma ciência social em construção (RÚSSIO, 1990) coloca-se como central na formação discente, uma vez que o argumento para a própria criação de cursos de graduação na área, conforme vimos no caso da UFG, repousa da necessidade de saberes especializados.

4. Desafios da permanência

Criado em 2010, o bacharelado em Museologia da UFG tem como um de seus desafios a permanência estudantil. De acordo com a Plataforma Analisa UFG (2022), entre 2010 e 2022, de 2055 pessoas ingressantes no curso, 78 foram graduadas entre 2013 e 2021, ano da primeira turma de formandas/os e ano da última colação de grau, respectivamente. Isso significa que cerca de 4% das pessoas ingressantes finalizaram os estudos no período analisado, obtendo o grau de Bacharel em Museologia. Salienta-se que considerando o mesmo período, a UFG teve cerca de 509 mil estudantes matriculadas/os e cerca de 28 mil graduadas/os (UFG, 2022), o que revela que os desafios enumerados perpassam outras formações superiores. A Figura 5 demonstra os dados da série histórica de estudantes do curso de Museologia da UFG, comentada sinteticamente acima.



Figura 5 - Série histórica das/os estudantes da Museologia UFG. Fonte: Dados da Plataforma Análisa UFG (2022)

Entretanto, pelo menos dois pontos demonstram que esses dados devem ser analisados com cautela. Primeiramente, o fato de que a expansão das universidades federais no século XXI - principalmente no âmbito do REUNI - potencializou uma ampliação sem precedentes do ensino público superior brasileiro, processo que demanda esforços contínuos para a permanência das/os discentes, quadro extremamente fragilizado desde 2015, com a crise política, econômica e social vivenciada no país. A pandemia da COVID-19 agravou o quadro em tela, dada a gestão ineficaz do governo federal que primou por uma necropolítica (MBEMBE, 2018), resultando também em condições insatisfatórias para a implantação e acesso ao ensino remoto. No curso de Museologia na UFG, enquanto no ano de 2019 tivemos dez pessoas formadas, em 2020 foram apenas quatro graduadas/os e em 2021 somente duas pessoas egressas. Isso equivale a uma redução de cerca de 80% de pessoas formadas por ano. Da mesma forma é possível observar entre 2020 e 2021 a queda nas matrículas e o ápice dos trancamentos.

Em segundo lugar, ao considerarmos apenas dados quantitativos para a examinar o ensino superior podemos incorrer em desvios orientados por uma visão produtivista e reducionista do papel da universidade no século XXI. Certamente, devemos analisar os desafios para a permanência, ampliar as condições de assistência estudantil e olhar criticamente para nossos projetos pedagógicos, sempre políticos, como o nome revela. Contudo, devemos integrar análises quantitativas e qualitativas, primando por uma universidade que ocupe lugar de destaque na imaginação e na realização do presente e do futuro, um caminho para o

“desenvolvimento social com justiça e bem-estar em vez de instrumento político e ideológico utilizado para abrir novos mercados econômicos” (ALMEIDA FILHO, 2008, p.167).

No que concerne à formação graduada em Museologia, trarei à baila alguns desafios específicos. Estamos lidando com um curso ainda pouco conhecido pela sociedade, as denominadas formações de ‘baixo prestígio’. Ainda que estejamos comemorando 90 anos da formação em Museologia no país, essa esteve restrita a dois cursos por muito tempo, o que mostra a posição ainda vulnerável do campo, quando comparado a graduações que se estabeleceram há mais tempo e em muitas instituições. Como docente que atua no primeiro período da graduação, observo o ingresso de pessoas que não conhecem e/ou não desejam cursar o bacharelado em Museologia, chegando muitas vezes ao curso devido ao fato da nota de corte no Sistema de Seleção Unificada (SiSU) ser menor do que em outros cursos. Parcela desse corpo discente passa a desejar e vislumbrar a formação em Museologia, mas essa parte ainda não é majoritária em relação ao número de ingressantes.

Devemos também considerar as particularidades de um curso noturno e com estudantes que demandam ações efetivas para permanência, como bolsas de auxílio, moradia, alimentação, suporte às discentes mães e, obviamente, estágios remunerados na área, que possibilitem à/ao discente vislumbrar um futuro profissional, ainda que em atuações correlatas. Atualmente, das/os 110 discentes matriculadas/os, temos uma maioria de mulheres como mostra a Figura 6, uma representação inversa das referências indicadas nas leituras básicas onde os homens predominam, conforme discutido anteriormente. Em termos raciais, 52% das/os discentes se declaram negras/os (16 pessoas que se autodeclaram pretas e 42 pardas) e 39% brancas/os. Em termos geracionais, temos o predomínio de pessoas com idades de 20-29 anos (48 estudantes) e 30-39 anos (15 estudantes).

Por seu turno, analisando o contexto goiano, é possível observar que ainda são restritas as possibilidades de exercício profissional, além dos desafios para a realização de estágios remunerados, mesmo que o perfil da/os egressa/o aponte uma gama ampla de possibilidades de atuação:

- planejamento, organização, administração, direção e supervisão de museus e processos de musealização;
- realização de exposições e outros serviços de caráter educativo-cultural;
- organização e gestão de acervos e coleções públicos e privados;
- realização de pesquisas museológicas para instituições públicas e privadas;

participação em equipes interdisciplinares para tombamento e/ou registro de bens culturais em instrumentos específicos;
gestão do patrimônio cultural;
pesquisa e ensino de Museologia em Instituições de Ensino Superior (UFG, 2014, p. 10).

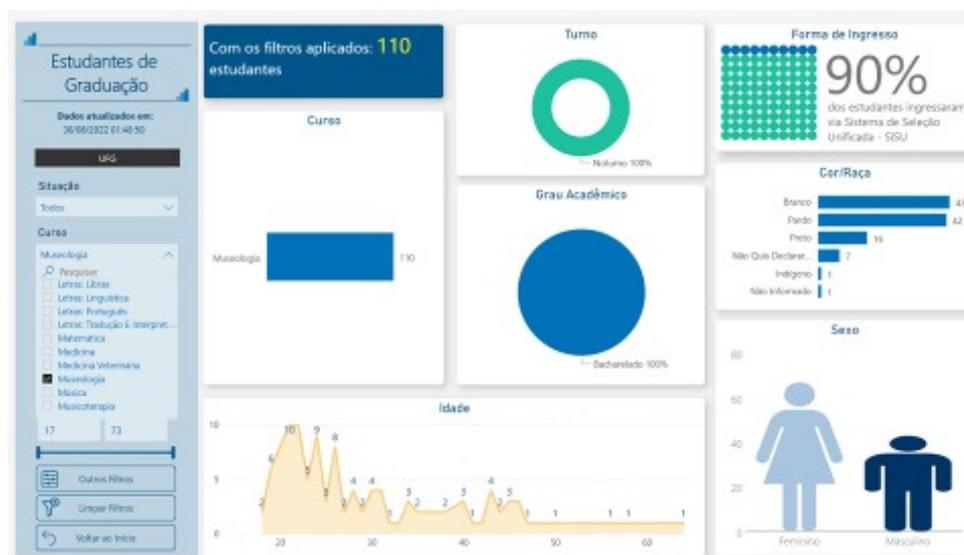


Figura 6 - Estudantes de graduação atualmente matriculados na Museologia UFG.
Fonte: Dados da Plataforma Analisa UFG (2022)

A despeito desse rol de atividades, são poucas as instituições museológicas, culturais e ligadas ao campo do patrimônio cultural em Goiás que lançam editais específicos para bacharéis em Museologia. Um exemplo positivo nessa direção é o Museu Antropológico da UFG, que integrou nos últimos três anos duas museólogas, sendo a primeira vez que pessoas graduadas em Museologia ocupam o quadro efetivo da instituição. A seguir, apresentarei dois eixos importantes para visualizarmos possibilidades de futuro do curso de Museologia da UFG, quiçá inspiradores para outras experiências.

5. Redes e interlocuções

Além das atividades de ensino, a formação universitária envolve ações de pesquisa e extensão, as quais são especialmente significativas para a formação em Museologia, dada interlocução teoria-prática concernente a essa ciência social aplicada. Destacarei nesse item os dados acerca de algumas ações de extensão e eventos desenvolvidos pelo bacharelado em Museologia da UFG.

Criada em 2010, mesmo ano da criação do curso, a Rede de pessoas educadoras em museus de Goiás (REM-Goiás)⁵ está associada a um dos principais projetos de extensão do curso, que visa dar apoio às ações da rede. Não obstante, a REM-Goiás é uma rede autônoma⁶ e tem como objetivo refletir coletivamente sobre o papel educativo dos museus e, de forma mais alargada, acerca dos processos educativos (formais e não formais) que se associam à temática do patrimônio cultural. Assim como outras redes de educadoras/es presentes em vários estados do Brasil, a REM-Goiás congrega profissionais de museus e instituições culturais, professoras/es, estudantes, pesquisadoras/es e demais interessadas/os nas temáticas da educação, dos museus e do patrimônio cultural (MORAES WICHERS, 2016).

O projeto de extensão busca apoiar os eventos da rede, formados por encontros e um seminário anual. São listadas abaixo as temáticas das gestões e dos seminários ao longo desses 12 anos:

- I Seminário da REM-Goiás, 2010 (sem temática específica);
- Gestão 2010-2011, II Seminário da REM-Goiás: “Educação, Museus e Ciências”;
- Gestão 2011-2012, III Seminário da REM-Goiás: “Museus e Memória Escolar”;
- Gestão 2012-2013, IV Seminário da REM-Goiás: “Educação, Museus e Cidades”;
- Gestão 2013-2014, V Seminário da REM-Goiás: “Museu, Sociedade e Meio Ambiente”;
- Gestão 2014-2015, VI Seminário da REM-Goiás: “Museus, Inclusão e Sustentabilidade: desafios para o Século XXI”;
- Gestão 2015-2016, VII Seminário da REM-Goiás: “AMA - Arte Museus e Acessibilidade”;
- Gestão 2016-2017, VIII Seminário da REM-Goiás: “Dizer o indizível sobre mulheres negras nos museus”;

⁵ Denominada até 2021 como Rede de Educadores em Museus de Goiás (REM-Goiás). Essa foi a primeira REM do país a alterar sua denominação para que fosse mais inclusiva em termos de gênero.

⁶ Para informações acerca da REM-Goiás, como a composição das gestões, que possuem duração de um ano, bem como sobre as docentes do curso de Museologia que coordenaram o projeto de extensão: <http://remgoias.blogspot.com/>. Estive nesse papel entre os anos de 2014-2016, sendo importante salientar a parceria com a coordenadora geral da REM-Goiás na Gestão 2015-2016, Aluane de Sá, quando obtivemos financiamentos que possibilitaram o incremento de ações da rede, como a organização dos anais do seminário de 2016 e dos anos anteriores em um periódico online com ISSN (<http://anaisdoseminariosremgoias.blogspot.com/>) e lançamento de um livro, onde consta um histórico detalhado feito à época (<https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/188/o/ArteWichers.pdf>). Atualmente, a professora Karlla Kamylla Passos dos Santos coordena o projeto de extensão que apoia a rede.

- Gestão 2017-2018, IX Seminário da REM-Goiás: “Museus e Educação: estudos de público e avaliação”;
- Gestão 2018-2019, X Seminário da REM-Goiás: “Ação Extra-muros”;
- Gestão 2019-2020, XI Seminário da REM-Goiás formado por série de encontros remotos entre maio de julho de 2020: “Senta que lá vem Memória”;
- Gestão 2010-2021, XII Seminário da REM-Goiás, 2021: “Narrativas e contranarrativas plurais”;
- Gestão 2021-2022: “Quais corpos os museus comportam?”

É possível observar que as temáticas das gestões da REM-Goiás têm acompanhado uma tendência observada no curso e no campo museológico brasileiro: debates sobre acessibilidade e representação tem emergido com mais força na Museologia, atravessados por análises de marcadores sociais da diferença como raça e gênero, dentre outros. Nos seminários e demais ações da REM-Goiás esses debates são entrelaçados ao campo da educação museal - que obviamente tem centralidade nas REMs - e visam ampliar as perspectivas da produção, uso e ressignificação dos museus e memórias.

A ampliação dessas temáticas também marca os seminários internacionais, principal evento organizado pelo corpo docente, técnico e discentes do curso. Desde sua segunda edição, o seminário integra o tema da interculturalidade. Como pode ser observado nos temas abaixo, os ativismos, etnicidades, gênero e sexualidade⁷ demonstram a inserção do curso nesse campo de debates emergentes:

- 2012: I Seminário Internacional de Museologia UFG “Políticas públicas culturais: os desafios da gestão em longo prazo”;
- 2014: II Seminário Internacional de Museologia UFG “Museus, Memória e Ativismo”;
- 2017: III Seminário Internacional e Intercultural de Museologia UFG “Gênero, Sexualidades e Etnicidades”;
- 2020: III Seminário Internacional e Intercultural de Museologia UFG “Evento Comemorativo dos 10 Anos do Bacharelado em Museologia da UFG: experiências e devires”.

⁷ Docentes que atuaram na UFG têm produzido reflexões nos campos do gênero e da sexualidade, esse último marcador configura a Museologia LGBT, conforme trabalhos de Jean Baptista e Tony Boita (2014), que foram docentes efetivo e substituto do curso, respectivamente. Também tenho buscado abordar as discussões teóricas e metodológicas pertinentes ao campo das museologias feministas (MORAES WICHERS, 2018).

A realização das exposições curriculares “Mulheres no Sertão Goiano: Violências, Educação, Ofícios e Direitos”, “Transas no Ser-Tão” e “É verdade? Uma expo-reflexão sobre fake news”, respectivamente nos anos de 2016, 2017 e 2018, contribuíram significativamente com esse movimento de fortalecimento de debates acerca de questões emergentes. As exposições tiveram a curadoria das/os discentes de Museologia, no âmbito de disciplina obrigatória, sendo realizadas sob a orientação do docente Tony Boita, no caso das primeiras e da docente Gleyce Kelly Heitor, no caso da última. Essas exposições ocorreram no MA-UFG e compõem parte de uma série de ações realizadas por meio da parceria do curso com o museu (DUARTE CÂNDIDO; LIMA, 2018).

Essa emergência oportuniza intervenções nas fissuras de um sistema ainda marcado fortemente pela herança colonial, envolvendo também negociações, pactos e, por vezes, concessões, dadas as desigualdades estruturais do Brasil, que se refletem no campo mnemônico. Deve-se salientar que em 2017 foi alcançado um número de 17 graduadas/os em Museologia na UFG, o maior número da série histórica. Podemos aventar a hipótese de que o incremento de eventos, ações de pesquisa e extensão caracterizados por temáticas e desejos emergentes foram importantes para esse resultado. Ademais, a mudança de PPC em 2014, com a quebra de requisitos de algumas disciplinas, possibilitou um fluxo mais condizente com o perfil do público estudantil. A seguir, veremos como esses temas emergentes da Museologia tem aparecido nas monografias concluídas no curso.

6. Produções discentes, possíveis devires

A produção da monografia é obrigatória na Museologia UFG, sendo que a partir do 6º período sugere-se a realização de componentes curriculares obrigatórios voltados ao tema, a saber: “Metodologia de Pesquisa”, “Seminários de Pesquisa em Museologia” e “Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)”⁸. Dentre as 78 pessoas graduadas, foi possível acessar 77 monografias⁹, as quais serão brevemente analisadas com o intuito de indicar possíveis devires do curso a partir da produção discente.

⁸ Com a reformulação do PPC, em andamento, pretende-se inserir a disciplina de Metodologia de Pesquisa em períodos anteriores do fluxo, uma vez que a realização tardia da mesma (6º período) tem dificultado a inserção discente no âmbito da pesquisa museológica.

⁹As monografias encontram-se disponibilizadas no site da FCS-UFG: <https://fcs.ufg.br/p/14976-tcc-museologia>, excetuando-se um trabalho que não foi disponibilizado pela aluna, o qual é analisado aqui apenas pelo título, por isso, acesso integral se deu em 77 das 78 monografias.

Primeiramente, podemos acompanhar a produção de monografias por ano, conforme indicado na Figura 7, os anos de 2015 e 2017 foram os que apresentaram o maior número de defesas de TCC, acompanhando a evolução do quadro de graduadas/os, apresentado anteriormente.



Figura 7 - Número de monografias finalizadas por ano na Museologia UFG. Fonte: Dados do site da FCS-UFG (2022) organizados pela autora

Realizei uma categorização das pesquisas das/os discentes com base nos títulos, resumos e palavras-chave (Figura 8). No que concerne à cadeia operatória museológica de Salvaguarda (Documentação e Conservação) e Comunicação (Exposições e Ação Educativa) (BRUNO, 1996), observamos que algumas etapas da cadeia, como documentação e proposição e/ou elaboração de exposições, ganham destaque.

Estudos que abordam bens patrimoniais, reconhecidos ou não pelo estado, e a construção das memórias ocupam a segunda categoria mais recorrente quantitativamente. Esses trabalhos, por vezes, tratam de alguma fase da cadeia operatória museológica, mas centram-se em descrever determinada prática cultural e/ou narrativas da memória de forma mais ampla, fazendo considerações acerca de sua inserção nas sociedades, ações de preservação e de apagamento. Monumentos, edifícios, formas de expressão e direitos culturais são alguns dos eixos estudados.



Figura 8 - Categorização das monografias na Museologia UFG. Fonte: Dados do site da FCS-UFG (2022) organizados pela autora

Em termos quantitativos, as monografias que trazem temas emergentes da Museologia (23) integram a categoria mais frequente, debatendo temas como, por exemplo, gênero e feminismos (8), sexualidade e Museologia LGBT (4) e questões raciais e da diáspora africana (3). As monografias que trazem reflexões e práticas museológicas emergentes abordam distintas fases etapas da cadeia operatória museológica, mas destacam o diálogo com agendas contemporâneas do campo da cultura e das políticas da memória e representação, sendo recorrentes os diálogos com os estudos culturais, feminismos negros e teoria queer, dentre outras teorias.

A partir do título das 78 monografias do curso de Museologia da UFG foi elaborada uma nuvem de palavras, apresentada na Figura 9. É possível observar o predomínio de monografias que abordam instituições, patrimônios culturais e memórias no Estado de Goiás. Cerca de 25% das pesquisas tratam diretamente as instituições museológicas de Goiânia, analisando suas trajetórias, configurações atuais e ações museais realizadas, bem como propondo processos de musealização nessas instituições. Os termos arte, acervo, processo, memórias, mulher, reflexões e espaço também aparecem destacados.

praticada em Goiás nos debates da Museologia Brasileira nos anos de 1980 e 1990, com a realização do I Encontro Nacional de Museus Universitários em Goiânia, deve ser enfatizada. A oferta da especialização em Museologia pelo MA-UFG, no início do século XX, deixou patente a necessidade de profissionais para atuarem em instituições goianas e nos museus e coleções da universidade (UFG, 2011).

Em 2010 tivemos a primeira turma de ingressantes no Bacharelado em Museologia da UFG, com as três primeiras pessoas graduadas em 2013. Formamos, até o momento, 78 bacharéis em Museologia. Ao longo de 12 anos, os desafios para a permanência do corpo discente foram inúmeros, agravados fortemente pela pandemia da COVID-19.

Por um lado, a organização curricular apoiada na teoria museológica, que compreendo como processo em construção, e na compreensão da Museologia como Ciências Social Aplicada, oportuniza uma formação específica e articulada ao campo das Ciências Sociais. Por outro lado, as referências básicas das disciplinas obrigatórias lançam luz sobre uma questão importante: o predomínio de uma literatura estrangeira, que não deve ser negligenciada, mas que não contempla especificidades do Brasil e, quiçá, de Goiás. Além de heranças de uma colonialidade que perpassa a formação graduada em ciências humanas no Brasil, temos também uma colonialidade interna, posto que as produções do eixo Rio-São Paulo são expressivamente mais numerosas, com silêncios acerca de autorias de outros lugares ou mesmo da região onde insere-se o curso.

Encravado em um “sertão imaginado” (SENA, 2007), o Bacharelado em Museologia da UFG se alimentou de discussões ensejadas por intelectuais locais e trocas com profissionais de diversas partes do país, como ocorreu nas gestões de Edna Taveira no MA-UFG, pesquisadora ausente no PPC do curso. Penso ser emergente a necessidade de museologias “mestiças”, imbricadas com imaginações museais regionais e locais. Conforme indica Silvia Rivera Cusicanqui (2010), a partir da categoria *Ch'ixi* como forma andina de nomear os opostos que coexistem, transitamos em um mundo manchado, com justaposições marcadas por condições “mestiças”. Essa pode ser uma ideia inspiradora para a formação em Museologia no Brasil, que atualmente se expressa em distintos cursos, regiões, potencialidades e devires.

A produção discente da UFG destaca os museus, bens patrimoniais e memórias da região a partir de olhares críticos e do desenho de museologias emergentes, podendo contribuir para a profissionalização e incremento da função

social das instituições goianas, tão abordadas nas monografias. O desejo de memória e de museu (CHAGAS, 2005) movimenta a formação em Museologia na UFG, entrelaçando trajetórias, saberes e subjetividades das/estudantes. Essa produção discente é fruto, certamente, do fato de termos uma universidade menos elitista, branca, masculina e normativa. Quando corpos outros adentram a universidade, novos saberes, situados e corporificados (HARAWAY, 1995), deslocam antigas certezas e produzem uma ciência mais plural, por isso, melhor.

A emergência de novos olhares discentes exige o exercício de uma pedagogia crítica por parte das/os docentes, demandando estratégias que possibilitem novas formas de pensar e agir, promovendo insurgências (HOOKS, 2019).

É necessário que a Museologia Sonhada pelas/os estudantes, por Waldisa e por nós, encontre nas leituras, nas aulas, projetos e nos espaços museais a possibilidade de uma ação transformadora. Essa transformação começa com a entrada em um curso de graduação em uma universidade pública federal, conquista tão recente e que ainda demanda ampliação no contexto brasileiro. Contudo, a permanência deve ser alimentada por políticas de assistência estudantil, mas também por currículos mais inclusivos, diálogos cada vez mais horizontais, e, sobretudo, por possibilidades de exercício profissional na Museologia.

Agradecimentos

Ao coletivo de discentes, docentes e servidoras/es que atuam ou passaram pelo Bacharelado em Museologia, pela Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás e pelo MA-UFG, espaços que tem me oportunizado um ambiente crítico de aprendizados sobre Museologia, ensino universitário e transformação social. À ROPA – Rede de Ocupações e Parcerias Acadêmicas, coletivo que nasceu do desejo e da emergência da vida na academia e na sociedade.

Referências

ALMEIDA FILHO, Naomar de. Capítulo 2 - Universidade Nova no Brasil. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; ALMEIDA FILHO, Naomar de. *A Universidade no Século XXI: Para uma Universidade Nova*. Coimbra, 2008. p.107-259.

BRUNO, Cristina. Museologia: algumas ideias para a sua organização disciplinar. IN: BRUNO, Cristina. *Museologia e comunicação. Cadernos de Sociomuseologia*, Lisboa, n. 9. p. 09-38, 1996.

CARVALHO, Adelino A.; MORAES WICHERS, Camila A. Compreendendo as relações do Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás com os seus públicos. *Hawò - Revista do Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás*, v.1, p. 2-28, 2020.

CARVALHO, Adelino. *Acary de Passos Oliveira: percursos e contribuições para a formação da antropologia no Brasil Central*. Qualificação de tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Goiás, Goiânia: Gráfica UFG, 2022.

CHAGAS, Mário. Museus: antropofagia da memória e do patrimônio. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n.31, p.15-25, 2005.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. *Interseccionalidade*. São Paulo: Boitempo, 2020.

DUARTE CÂNDIDO, Manuelina Maria; LIMA, Nei Clara. Museu Antropológico e Bacharelado em Museologia da UFG: dinâmicas de atuação conjunta e interdisciplinar In: MAGALDI, Monique B.; BRITO, Clóvis Carvalho (Org.). *Museus & museologia: desafios de um campo interdisciplinar*. Brasília: FCI-UnB, 2018. p. 117-134.

GASPAR, Lúcia. Aécio de Oliveira. *PESQUISA Escolar*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2012.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, n.5, p. 7-41, 2009.

HERNÁNDEZ HERNÁNDEZ, Francisco. *Planteamientos teóricos de lamuseología*. Gijón: EdicionesTrea, 2006.

HOOKS, bell. *Anseios. Raça, Gênero e Políticas Culturais*. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

LIMA, Nei Clara; SOUZA, Maria Luiza Rodrigues de; LAZARIN, Marco Antônio; DUARTE CÂNDIDO, Manuelina Maria. Um curso de Museologia para Goiás: Bacharelado em Museologia da UFG. In: *Anais do I Congresso Internacional de Museologia: sociedade e desenvolvimento*. Maringá: Editora da UEM, 2009.

MA-UFG - MUSEU ANTROPOLÓGICO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. Site do MA-UFG. Goiânia, 2022. Disponível em: <https://www.museu.ufg.br>. Acesso em: 13 set. 2022.

MARTINS, Dilamar Candida; TAVEIRA, Edna Luísa de Melo. *Museu Antropológico - Uma viagem pelo tempo e no realce da memória de seu percurso*. Goiânia: Gráfica UFG, 2017.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. São Paulo: N-1 edições, 2018.

MORAES WICHERS, C. A. Redes e Tramas: acerca da relação entre Educação, Museus e Extensão Universitária. In: *Arte, Museus e Acessibilidade: Reflexões da Rede de Educadores em Museus de Goiás*. Goiânia: LLgráfica, v.1, 2016. p.69-89

MORAES WICHERS, Camila A. Coleções indígenas no Sertão imaginado: experimentações etnográficas e museais para a descolonização dos museus In: BRULON, B. (Org.). *Descolonizando a Museologia - 1*. Museus, Ação Comunitária e Descolonização. Paris: ICOFOM/ICOM, v.1, 2020. p. 404-419.

PASSOS DOS SANTOS, Karlla Kamylla. *Educação Museal e Feminismos no Brasil: silenciamentos, estranhamentos e diálogos a partir de um olhar interseccional e decolonial*. Qualificação de Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Museologia da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2022.

PEREIRA, Marcele Regina Nogueira. *Pontos de Memória: experiência museal insurgente e decolonizadora*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Museologia. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2018.

RANGEL, Vânia Maria Andrade Brayner. *Memórias Rebeldes - A invenção clássica e sua transfiguração em processos decoloniais e ecossistêmicos*. Tese (Doutorado), Programa de Pós-Graduação em Museologia. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2018.

RIBEIRO, Loredana; SILVA, Bruno S. Ranzani da; SCHIMIDT, Sarah; PASSOS, Lara. A saia justa da Arqueologia Brasileira: mulheres e feminismos em apuro bibliográfico. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v.25, n.3, p. 1093-1110, 2017.

RIVERA CUSICANQUI, Silvia. *Ch'ixinakaxutxiwa: una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores*. Buenos Aires: Tinta Limón, 2010.

RÚSSIO, Waldisa. Museu, um aspecto das organizações culturais em um país em desenvolvimento. Dissertação (Mestrado). Escola Pós-Graduada de Ciências Sociais da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, 1977.

RÚSSIO, Waldisa. Sistema da Museologia. In: BRUNO, Cristina (Org). *Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional*. São Paulo: Pinacoteca do Estado; Secretaria do Estado da Cultura; Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010, p. 127-136. Publicado originalmente em 1983.

RÚSSIO, Waldisa. Conceito de cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação. In: *Cadernos Museológicos*, v.3. Rio de Janeiro: Secretaria de Cultura da Presidência da República/ Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural, 1990. p. 7-12.

SENA, Custódia Selma. A categoria Sertão: um exercício de imaginação antropológica. *Sociedade e Cultura*, v.1, n.1, p.19–28, 2007.

SOARES, Marianna de Souza. Museus universitários, encontros e redes de museus: estratégias de articulação e reconhecimento. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília (UnB), Brasília, 2021.

TAVEIRA, Edna Luísa de Melo. Entrevista. *Série Documentos do Museu Antropológico da UFG*, n.5, Goiânia, p. 45-58, 2011.

UFG - UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. Plataforma Analisa UFG. Goiânia, 2022. Disponível em: <https://analisa.ufg.br/>. Acesso em: 13 set. 2022.

UFG - UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. *Projeto Pedagógico do Curso de Museologia da Universidade Federal de Goiás*, Goiânia, 2011. Documento não publicado.

UFG - UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. *Projeto Pedagógico do Curso de Museologia da Universidade Federal de Goiás*, Goiânia, 2014. Disponível em: https://sistemas.ufg.br/consultas_publicas/resolucoes/arquivos/Resolucao_CEPEC_2014_1310.pdf. Acesso em: 13 set. 2022.

Data de recebimento: 15.09.2022

Data de aceite: 11.11.2022